

APRESENTAÇÃO

Esta edição da Revista REVELL se dedicou às literaturas em língua inglesa, priorizando o estudo de obras mais atuais. Os artigos aqui reunidos versam sobre diversos temas de interesse crítico – utopias e distopias; a literatura fantástica; a relação entre ficção e história; figurações da opressão e da luta de classes; diásporas e escrita migrante; a literatura como espaço de construção, afirmação ou contestação de identidades; a relação entre textos e a adaptação de uma obra a outro meio de expressão; as diferentes tradições críticas nos estudos literários; estudos do imaginário; estratégias de tradução cultural; etc. – e passeiam por diferentes gêneros literários e audiovisuais: teatro, romance, séries de televisão e filmes.

A diversidade de temas, gêneros e abordagens críticas representada pelos artigos aqui publicados permite um vislumbre das direções de pesquisa atuais no campo dos estudos de literatura anglófona. Vejamos.

As literaturas de língua inglesa produziram algumas das mais célebres e importantes narrativas utópicas e distópicas. A própria invenção do termo “utopia” e do gênero literário homônimo estão associados a um autor inglês: Thomas More. De fato, alguns dos romances mais representativos desses dois gêneros narrativos foram escritos em língua inglesa: *1984*, de George Orwell; *Looking Backward*, de Edward Bellamy; *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley; *A Máquina do Tempo*, de H. G. Wells; *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury; *Laranja Mecânica*, de Anthony Burgess; etc. A essa lista, poderiam se somar as obras *A estrada*, de Cormac McCarthy, e *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood. A primeira é um dos objetos de estudo do artigo “Notas sobre os fins do mundo: apocalipse e neoliberalismo”, de Alysson Oliveira, que observa as relações entre os gêneros utopia, distopia e apocalipse e como cada um deles, com suas especificidades, é capaz de figurar, com maior ou menos ganho cognitivo, facetas do nosso presente histórico. A série de televisão derivada da segunda é

analisada por Daniel Puglia e Aline Gevezier Bonezi no artigo “The Handmaid’s Tale: relações entre ficção e história”, que busca, por meio da aproximação dos enredos do romance e da adaptação televisiva, captar o diagnóstico que essa narrativa distópica traz sobre o avançar de forças reacionárias na atualidade.

Enquanto as narrativas utópicas e distópicas criam uma espécie de espelho póstero capaz de trazer notícias do presente por meio de extrapolações temporais imaginativas de traços do atual – ou, na definição de Fredric Jameson, “arqueologias do futuro¹” –, outras narrativas buscam no passado genealogias do presente. Assim o fazem os romances históricos, nas suas mais diversas manifestações, ao criarem enredos em que história e ficção tecem sentidos sobre a experiência coletiva. Um estudo dos desdobramentos “pós-modernos” desse gênero romanesco é feito no artigo “Se tivessem podido ver o futuro!': a ficção pós-moderna e a relação das narrativas literária e histórica em *A Mulher do Tenente Francês*, de John Fowles”, de Mariana Waskow Radünz e Eduardo Marks de Marques.

Se a história é “aquilo que dói”, se é a “experiência da necessidade”², as guerras são o seu emergir mais visível. Dentre elas, a Segunda Guerra Mundial é o epítome da aniquilação mútua do homem. Sua indelével presença no “amontoado de ruínas” - evocando a célebre Tese sobre História IX, de Walter Benjamin – que foi o Século XX constitui um dos centros de tensão de romances como *On the Road*, de Jack Kerouac, e *Catcher in the Rye*, de J. D. Salinger. Tal presença é descrita no artigo “As marcas da Guerra em *On the Road* e *The Catcher in the Rye*”, de Sávio Augusto Lopes da Silva Junior. As tensões que levaram a essa guerra e seus desdobramentos – como a Guerra Fria – compõem o quadro de memórias dos narradores de dois romances de E. L. Doctorow (*A*

¹ JAMESON, Fredric. *Archaeologies of the Future: The Desire Called Utopia and Other Science Fictions*. Verso Books: 2005.

² JAMESON, Fredric. *The Political Unconscious: Narrative as Socially Symbolic Act*. New York: Cornell UP, 1981, p. 102.

Grande Feira, de 1985, e *O Livro de Daniel*, de 1971). Mediadas pela perspectiva temporal distanciada dos narradores adultos, essas memórias são evocadas para compor o tecido crítico-sentimental que constitui a narrativa desses romances e que, entrelaçadas às memórias do próprio autor, engendram a intersecção entre experiência individual e coletiva presente nos grandes romances históricos. Essas relações são exploradas no artigo “‘Little Criminals of perception’: história e memória nos narradores de *World’s Fair* e *The Book of Daniel*, de E. L. Doctorow”, de Marcelo Cizaurre Guirau. Ainda nos campos de batalhas do Século XX, a Guerra Civil Espanhola deixou um rastro de memórias sangrentas, como as pintadas por Picasso em *Guernica*, e criou tensões e rachas no campo da esquerda. Um dos mais conhecidos romances sobre esse conflito é *Por Quem os Sinos Dobram*, Ernest Hemingway, que é estudado por Raquel Selner e Rejane de Souza Ferreira a partir da relação entre política, entretenimento e violência presente no discurso da personagem Pilar, no capítulo 10 do livro.

Os caminhos que a História encontra para chegar à forma literária são vários. Suas tensões e contradições – muitas vezes ilógicas e absurdas elas mesmas – podem demandar figuração em uma forma que suspende, em contrato tácito com o leitor, a vigência da lógica. Esse é o caso do romance fantástico *American Gods*, de Neil Gaiman, cuja forma é estudada por Eduardo de Faria Carniel e Marcos César de Paula Soares no artigo “Contradições da história e do fantástico no romance *American Gods*”.

Ainda no campo das relações entre História e forma literária, temos o artigo “História e performatividade em *Days Without End* de Sebastian Barry”, Victor Augusto da Cruz Pacheco, que faz uso do conceito de performatividade textual para estudar a presença, na forma do romance, do tema da aquisição linguística na Irlanda.

Se continuarmos a pensar a relação entre História e forma literária a partir da noção de Jameson, acima mencionada, da História como aquilo que dói, as formas de manifestação dessa dor são inúmeras. Algumas delas são trazidas à discussão por artigos que compõem esta edição da Revell. Destaquemo-las.

Uma das formas mais cruéis da violência nas sociedades capitalistas é a desigualdade social. A crueldade imposta a quem vive em condição de pobreza é severamente aprofundada no contraste com a desavergonhada ostentação de riqueza. A tensão resultante dessa oposição radical de condições de vida é tema recorrente da literatura e pode também ser detectado no romance *Reparação*, de Ian McEwan. Essa é a tarefa a que Edison Gomes Jr. se dedica no artigo “Reparando a luta de classes em *Reparação*, de Ian McEwan”.

Uma das estratégias ideológicas de acobertamento das tensões de classe é o chamado Sonho Americano. Com ele, os sofrimentos presentes da pobreza são atenuados pela promessa, sempre renovada e nunca cumprida, de riqueza futura. Esse verdadeiro cheque de prosperidade sem fundos que é o Sonho Americano tem sua representação mais icônica no romance *O Grande Gatsby*, de F. Scott Fitzgerald. No artigo “The Great Gatsby and its allegorical meaning”, Loiva Salete Vogt evoca o conceito de alegoria de Walter Benjamin para estudar as manifestações do Sonho Americano nesse clássico da literatura em língua inglesa.

Comparsas do Sonho Americano, os jogos de azar também atuam no controle das tensões sociais. Sua promessa de enriquecimento instantâneo, um atalho para o árduo caminho de ascensão social representado pela busca do Sonho Americano, lança um salva-vidas imaginário que somente alimenta a esperança de salvação dos naufragos da sorte. Há, também, nas sociedades capitalistas, uma relação alegórica e real entre jogos, negócios e crime organizado. Os filmes de gangsteres são campo fértil para a figuração dessas

relações. É isso que vemos no estudo de Elder Koei Itikawa Tanaka sobre o filme *Force of Evil*, de Abraham Polonsky.

Para se manter, a sociedade desigual precisa, além das ilusões de ascensão criadas pelo mito do Sonho Americano e pela possibilidade de enriquecimento oferecida pelo jogo, de mecanismos de treinamento para a obediência e de punição à rebeldia. A escola é um dos mais eficientes aparelhos ideológicos do Estado³ e, também, uma alegoria clara das relações de poder. É a partir do estudo da representação da instituição escolar escocesa nos romances *Glue* e *The Blade Artist*, de Irvine Welsh, que Amaury Garcia dos Santos Neto pretende, no artigo “Educação e Opressão na Escócia: representações da escola em *Glue* e *The Blade Artist* de Irvine Welsh”, demonstrar como a escola se constitui como um microcosmo da sociedade e, dessa forma, opera sob o mesmo regime de relações de poder desiguais e autoritárias que rege o todo social da qual ela faz parte.

Em um mundo ainda distante de uma utopia, há muitas formas de violência. Entre elas, está a migração forçada, flagelo crescente que se faz notar muitas vezes pela carga humana desaguada nas praias do mundo rico.

Os que migram carregam consigo sua cultura e sua história. Precisam, no entanto, adaptar-se à cultura do seu lugar de destino. As tensões nascidas dessa negociação entre culturas são figuradas em muitas obras que tratam do tema das migrações contemporâneas. Nesta edição da Revell, Iolanda Vasile se debruça sobre o romance *The Inheritance of Loss*, de Kiran Desai, para estudar a componente diaspórica presente nessa obra. Em outro artigo, Maria Vitoria e Silva Dias e Josane Daniela Freitas Pinto estudam a forma como estereótipos e a estrutura social atuam na construção da identidade do imigrante por meio da leitura do romance *Americanah*, de Chimamanda Ngozi Adichie. Ainda nos Estados Unidos, mas agora tratando de movimentos migratórios, Prila Leliza

³ Termo criado por Louis Althusser.

Calado, no artigo “Referências intermediáticas em Jazz de Toni Morrison: ler como se estivesse ouvindo”, identifica o jazz como um elemento estruturante desse romance e como figuração do sentimento de deslocamento originado das migrações.

A variedade de temas e abordagens nos estudos de literaturas em língua inglesa que marca esta edição da Revell pode ser vista também no artigo “Ímpetos de vingança anunciam nova tempestade: Sementes de bruxa, de Margareth Atwood”, de Jéssica Catharine Barbosa Carvalho e Jivago Araújo Holanda Ribeiro Goncalves, que trata da relação entre o romance de Atwood e a peça *A Tempestade*, de William Shakespeare, que lhe serviu de base para a escritura. Ainda no campo do trânsito entre gêneros, o artigo “Unveiling the Symbolic - literature and cinema in John Patrick Shany’s dramaturgy”, de Valter Henrique de Castro Fritisch, busca compreender as estratégias que permitem à peça *Dúvida, uma Parábola*, de John Patrick Shanley, manter uma certa abertura interpretativa em diferentes mídias – na peça escrita, no palco e no cinema. Por fim, há as adaptações necessárias na tradução. Podemos conhecer algumas estratégias de adaptação e tradução cultural no artigo “A Study of the Strategies of Foreignization and Domestication in two Persian Translation Versions of Lewiss Caroll’s Alice in Wonderland”, de NedaFatehi Rad e Zahra Fatehi Marj.

Para encerrar essa edição, contamos com dois artigos que trazem visadas mais panorâmicas sobre dois temas de grande interesse para os estudos de literaturas escritas em inglês: o romance inglês e as abordagens críticas mais correntes em língua inglesa. O primeiro tema é o objeto de análise do artigo “Do surgimento do novel inglês à publicação de Nutshell (2016) de Ian McEwan: atualizações do romance nas Literaturas de Língua Inglesa”, de Yuri Jivago Amorim Caribé, que traz um panorama histórico do gênero e busca demonstrar como McEwan recria o romance na obra em análise. O segundo tema é estudado no artigo “Leitura, estudos literários e crítica: levantamento de questões contemporâneas”, de Fabiana de Lacerda Vilaço. Em seu texto, a autora busca

discutir algumas questões importantes sobre as práticas de leitura e crítica literária na contemporaneidade tendo como contexto de base os estudos produzidos no âmbito da academia norte-americana.

Por fim, agradecemos aos autores que participaram desta edição da Revell e desejamos uma leitura proveitosa a todos.

Fabiana de Lacerda Vilaço - Instituto Federal de São Paulo

Marcelo Cizaurre Guirau - Instituto Federal de São Paulo